

MORTE E VIDA MACUNAÍMA: UM CHORO BEM BRASILEIRO

TÂNIA REGINA OLIVEIRA RAMOS*

"Não há quem possa resistir/a esse chorinho brasileiro".

Macunaíma tem merecido e vem merecendo os mais aprofundados e variados estudos, e o que se observa é que a tentativa de se querer ler diferente um livro que prima pela originalidade, escrito por um autor ainda mais original, é talvez uma das mais angustiantes tarefas de um estudioso da literatura. MACUNAÍMA é o livro sobre o qual o tudo do quase tudo foi dito. O próprio quase, ou aquilo que posso dizer que se situa entre "a margem e o texto" também já foi lido. Já se analisou a sua ruptura e tradição, já se comprovou sua morfologia, já se traçou o seu roteiro, já se elaborou a sua edição crítica, já se organizou sua trajetória da literatura ao cinema, foi roteiro de filme, foi peça de teatro.

No entanto, MACUNAÍMA é o livro em que, a cada leitura, suas possibilidades de interpretação são capazes de reabilitar o espanto. E o espanto é esse momento de infinitização em que não se sabe o como, o quando, o porquê, mas se tem consciência da capacidade de persuasão e sedução, que possui Mário de Andrade, em tudo o que escreveu. O espanto deve igualmente ser considerado como o gesto de admiração mais relacionado com a

* Professora Adjunto II - UFSC, atualmente cursando Doutorado em Literaturas de Línguas Portuguesas - PUC/RJ.

surpresa, sem esquecer que essa tem um lado negativo: a possível tendência de se ficar no parecer e não se chegar a saber o que o objeto admirado realmente é. Talvez tenha sido o que aconteceu com *MACUNAÍMA*, em relação à crítica, contemporânea à sua publicação (décadas de 30 e 40), e que angustiou tanto o escritor Mário de Andrade, angústia manifestada em sucessivos posfácios, cartas, crônicas, notas, e que tão bem se compreende, lembrando Kierkegaard: "Quanto mais um homem é original, mais a sua angústia é profunda".

Hoje, os estudos literários tendem a passar da admiração ao conhecimento ou, pelo menos, são tentativas de, pois se tal passagem acontece, a admiração é capaz de ajudar a se descobrir no objeto admirado, uma terceira qualidade. *MACUNAÍMA* deixa de ser isto ou aquilo. Não é apenas um bom livro ou um livro marco. Se ele me espanta toda vez que o leio é porque ele é raro e marca a sua diferença pela novidade. Raro é tudo o que tem o eterno sabor da novidade.

Lendo o livro, sob esse signo da diferença, faz-se necessária a revisão de trabalhos analíticos e críticos sobre ele, principalmente sobre a sua edição crítica, onde se pode ter contato com o que o próprio Mário de Andrade disse, ou teve que dizer, sobre a "sua rapsódia". É exatamente onde pretendo ficar: entre o texto da rapsódia e o texto do grande desejo de Mário: **"talvez eu devesse escrever, pelo menos ensaio AO LADO DE *MACUNAÍMA*, comentando tudo o que botei nele até sem querer"**.

MACUNAÍMA tem sido visto por quase todos os estudos analíticos e críticos como uma tese, como uma idéia demonstrada. Basta conferir. Haroldo de Campos, por exemplo, procura mostrar que a fábula do livro segue um modelo básico de estruturação, equivalente ao dos contos folclóricos, sobre um esquema de base invariante. Mário de Andrade trabalhando livremente modelos variáveis, cria uma obra de arte. Para Gilda de Mello e Souza, *MACUNAÍMA* representa uma meditação extremamente complexa, efetuada através de um discurso selvagem, rico de metáforas, símbolos e alegorias. Esse segundo enfoque, e algumas variantes, dentro de uma perspectiva sociológica, parece dizer mais do que o primeiro modelo de análise, pois desenvolve o

que o próprio Mário de Andrade justifica em 1931: "Enfim, sou obrigado a confessar duma vez por todas: eu copiei o Brasil, ao menos naquela parte em que me interessava satirizar o Brasil por meio dele mesmo".

A revisão da crítica sobre MACUNAÍMA reforça a hipótese de que não há como se ler uma idéia demonstrada, uma tese das contradições da sociedade brasileira representada pelo herói-título, preso à problemática do primitivismo ou da preguiça como forma de reação tropical à sociedade de consumo e à ética e estética européias aqui instaladas. A rapsódia de Mário não tem apenas esse caráter documental, mas muito mais um caráter de ensaio, onde as idéias hesitam, repetem-se, tropeçam, distraem-se, não sabem onde vão parar. Nós assim conseguimos ler MACUNAÍMA e parece que o autor, ao ver o seu livro publicado, assim o leu, o que se comprova pelas suas constantes descobertas e explicações. Numa tese sabe-se onde se vai chegar. O ensaio sai à procura de si mesmo. É venturoso e aventureiro. É assim a leitura de MACUNAÍMA, porque o livro assim o é. Uma tentativa de várias orações coordenadas: e, e, e, mas, contudo, porém..., deixando a estrutura em aberto, como possibilidade de se acrescentar sempre mais alguma coisa, sem a constante subordinação de tudo o que já foi dito.

Começo a minha (a) ventura:

A última leitura que fiz de MACUNAÍMA levou-me à passagem da admiração ao conhecimento, e foi marcada pela observação do espaço flutuante, de quem disse: "Não vim ao mundo para ser pedra" (M, XVIII), ou seja, o espaço flutuante do herói-personagem e do autor Mário de Andrade. O choro e a risada do herói, a alegria e a tristeza do autor são metáforas líquidas, metonimicamente apresentadas, na história ou diante da história.

A oscilação entre a euforia e a melancolia é possibilidade de se ler um dos caracteres de Macunaíma: o sentimentalismo controvertido e angustiante na base do "jeitinho brasileiro", "de quem não chora não mama", ou mesmo, "do sentimental eu sou, eu sou demais". A questão, que estou levantando, é uma constante no estudo do caráter nacional brasileiro: o sentimentalismo, o

sentimento exacerbado. Não foi um brasileiro, travestido de um nome "outro", que atravessou fronteiras, cantando: "feelings, nothing more than feelings"? E Nana Caymmi, em 1985, pela mesma brecha e pela voz feminina, lançou um "chora, brasileira". Aliás, a vertente de lágrimas fez História: março-abril de 1985 que o digam.

Como se chega a essa hipótese de leitura em relação à cultura brasileira? Através dessa maneira de ler Macunaíma, o herói. Motivadas pela questão do Modernismo, éramos induzidos a ler as "verdades" formais do texto. E tentávamos deduzir pela estória coisas evidentes, esquecendo que MACUNAÍMA não mais consegue ser lido em si e por si. Há vários macunaímas em torno dele, lidos por uma nova noção de proximidade, que é a abdução, a leitura afetiva que possibilita a atração por uma verdade possível. E até por uma leitura passional, porque se Mário de Andrade não escreveu o texto com prazer, indiscutivelmente o escreveu com paixão.

Há múltiplos pontos de contato entre o herói e o autor. Assim teria que ser. Mas o que chama a atenção é a capacidade que o autor teve de perceber suas afinidades com o personagem e a necessidade de o proteger e o justificar, até mesmo na sua controvertida e conhecida revisão do movimento modernista. E tal como MACUNAÍMA, que vai da euforia do brincar a "banzar solitário no campo vasto do céu", Mário de Andrade, no prefácio inédito, escrito imediatamente após terminada a primeira versão do livro, imagina que o seu brinquedo foi útil e que se divertiu "mostrando tesouros em que ninguém pensa mais". E entre parênteses, na semelhança formal com o aposto que persegue o seu herói (herói sem nenhum caráter) desabafa: "(é o livro que nunca pego, não porque ache ruim, mas porque **detesto sentimentalmente ele**)."

Interessante que, em mim, se processava um abalo silencioso em relação a MACUNAÍMA: eu não lia e não ria a molecagem, a malandragem, o deboche, mas via muito mais o humor fino e o lirismo sutil nas duas metáforas harmonicamente equilibradas: o choro e a gargalhada, percebendo sempre que um é a presença do outro em ausência, em circularidade. Um outro aspec-

to era a angústia que me provocavam as cartas e notas de Mário de Andrade sobre o livro. Cavalcanti Proença, em ROTEIRO DE MACUNAÍMA, percebeu esta identificação, entre autor e herói, explicando: "Várias vezes Macunaíma tem vontade de chorar ante as dificuldades surgidas" e, então, se identifica com o autor na Amazônia, suando sem parar, morto de calor, apesar do banho. "Me nasceu uma vontade manhosa de chorar, de chamar por Mamãe, me esconder no seio dela e me queixar, me queixar muito, contar que não agüentava mais, que aquele calor estava insuportável, maldito." Nada é gratuito nas afinidades.

Um outro desejo de leitura era descobrir porque eu não conseguia ver não só um brasileiro socialmente legítimo, mas as possibilidades de um brasileiro humanamente legítimo. Talvez seja uma recaída romântica perceber que as forças em conflito no herói, a alegria e a tristeza eram marcas de alguma coisa que Mário de Andrade procurou deixar evidente, sem harmonizar, mas muito mais cristalizar.

Fiz um levantamento não em totalidade, mas exaustivo, para mostrar essa tristeza manifestada pelo choro e a alegria, numa "grande gargalhada". As mudanças do comportamento do herói sempre se dão por essas marcas sintomáticas:

"Macunaíma se acordava, dando grandes gargalhadas" (M, III).

"Quando a vontade de chorar parou, Macunaíma afastou os mosquitos e quis espaiar" (M, XII).

O choro é sempre forma de convencer, e o riso - o seu avesso -, o próprio choro, muito mais vencido do que convencido. O herói - ou o autor, tem plena consciência de que nada se transformaria pelo riso; e no espaço de MACUNAÍMA, o autor - ou o herói, não conseguiria ainda fazer "que a alegria fosse a prova dos nove".

Essa leitura do sentimentalismo brasileiro deu-se também em função de perceber que a maioria das leituras críticas procura provar que o herói não conseguiu ser em essência, porque "ainda flor amorosa de três raças tristes". É justamente o ser assim do herói, as suas passagens de estados (e por que não de

Estados?), que sempre se dão por um espírito "sorumbático" "macambúzio", que provocam o inesperado, o inusitado e a legitimidade do herói. O herói não é, porque não está. Não está, porque não é. Macunaíma consegue ser "ubíquo", porque dissimulado... Mário também o foi.

Mário e Macunaíma. "Uhum... o maioral resmungou, nome principiado por Ma tem mã-sina" (M,XI). Prefiro acreditar que tem máximas nessa leitura de aproximação entre os dois, porque não há como deslocar ou descolar, o que para mim vem sendo a verdade possível. Tal como, na poesia, onde o fingimento é condição de como dizer e a máscara é fundamental para desmascarar o mundo - "Mário, põe a máscara" - o ensaio **Ao lado de** e Macunaíma herói têm um lado Pierrô, "que vivia só cantando e acabou chorando, acabou chorando".

Mais do que o refrão "Ai, que preguiça!" aparece no livro a expressão "grande gargalhada", num texto onde tudo é grande: grande malvado (o nome), grande mágico, grande herói. Podemos conferir:

"E contando o transporte da casa de novo prá deixã onde não tinha caça deu uma grande gargalhada" (M,II).

"Contou como enganara o Curupira e deu uma grande gargalhada" (M,III).

"Macunaíma se acordava dando grandes gargalhadas" (M,III).

"Depois que discursou Macunaíma deu uma grande gargalhada" (M,IV).

"Macunaíma deu uma grande gargalhada" (M,XIII,XV).

"Macunaíma deu uma grande gargalhada de experiência" (M,XV).

"Macunaíma dava uma grande gargalhada" (M,XV).

No capítulo XVI é colocado entre parênteses, numa analogia com o aposto do título:

"(herói sem nenhum caráter)
(Macunaíma deu uma grande gargalhada)"

Macunaíma quase sempre ri de si mesmo, como se no sonho ou diante do espelho (acordava sempre dando grandes gargalhadas) e

quando ria dos outros, procurava não exteriorizar:

Vejamos:

"Macunaíma ria por dentro, vendo as micagens dos
manos" (M,II).

"E era se rindo em plena felicidade que ele can-
tava assim:" (M,XIII).

O próprio "brincar", relacionado ao prazer sexual e ao gozo, a-
parece sob o princípio da "queda" e da "tristeza":

"Brincou com a copeira e voltou macambúzio prã
pensar" (M,XII).

"A patroa veio no quarto pra consolar Macunaíma,
brincaram. Depois de brincarem o herói pegou no
choro" (M,XII).

O choro e as lágrimas são ainda constantes no corpo do livro. Um
choro adulto sob a forma de que chamei "chorinho bem brasilei-
ro".

1. O choro como chantagem, como jogo, malícia e manha:

"Jigue falou que aquilo não era brinquedo de cri-
ança. Macunaíma principiou chorando outra vez" (M,
I).

"Macunaíma choramingou o dia inteiro. De noite
continuou chorando" (M,I).

"Macunaíma ficou de azeite uma semana, sem comer,
só porque desejava saber as línguas da terra"
(M,X).

"Choremos, não. Então Macunaíma desamarrou a ca-
ra" (M,XIII).

2. O choro como representação, como farsa do herói:

"Macunaíma assuntou o deserto e sentiu que ia
chorar. Mas não tinha ninguém por ali, não chorou
não" (M,II).

"Macunaíma sentiu um frio por dentro de tanta co-

moção e percebeu que ia chorar. Mas disfarçou bem" (M,VI).

"O herói se atirou para trás chorando largado na cama" (M,XI).

"Voltaram pro quarto de Maanape e toparam com o herói se lastimando" (M,XIII).

3. O choro como abatimento e pessimismo:

"Macunaíma sentiu que ia chorar" (M,IV).

"Descantou a tarde interinha, uma moda, tão sorumbática nas tão sorumbática que os olhos dele choravam a cada estrofe" (M,XI).

"Macunaíma sentiu-se desinfeliz e teve saudade de Ci, a inesquecível" (M,XI).

"E chorava gemendo assim: Muiraquitã, muiraquitã" (M,XIV).

4. O choro como impregnação sentimental no herói, na natureza, no outro:

"Maanape engulia as lágrimas" (M,IV).

"O silêncio era feio e o desespero também" (M,IV).

"Macunaíma ficou com ódio" (M,XII).

"Estava muito trístico! o herói fez.
- Não que trístico nem mané trístico, herói.
Estava muito trístico, Macunaíma repetiu" (M,VIII).

"Quando enxergaram o mano chorando se assustaram bem" (M,XII).

"Paciência, manos! Macunaíma repetiu macambúzio".
(M, XII).

"Maanape chorou muito, se atirando sobre o corpo do mano" (M,XII).

"Maginou sorumbático" (M,XV).

5. O choro, motivador de um lirismo poético:

"Então de tanta dor, o herói viu no alto as estrelas" (M,VII).

"Macunaíma parado em riba da estátua ficara sozinho ali. Também estava comovido" (M,X).

"Macunaíma sentou no parapeito da fonte e assuntou os baguais marinhos de bronze chorando água" (M, XIII).

"Todos os passarinhos choraram de pena gemida nos ninhos e o herói gelou de susto" (M,XV).

"Macunaíma parou. Chorava comoção pela boca das moças" (M,XIV).

6. O choro, como a tristeza inusitada, que extrapola a história:

"Ficara defunto sem choro, no abandono completo" (M,XVII).

"As lágrimas pingavam dos olhinhos azuis dele sobre as florzinhas brancas do campo" (M,XVII).

E o livro termina no silêncio da gargalhada e no choro contido, cantada e contado no que dá de se ler a síntese de nossa leitura: **morte e vida macunaíma.**

"É mesmo o herói capenga que de tanto penar na terra sem saúde e com muita saúva, se aborreceu de tudo, foi-se embora e banza solitário no vasto campo do céu" (M,XVII).

O esboço dessa hipótese de leitura, que deixo aqui, por si só esvazia teses do herói covarde, que foge da luta. A diferença não está na covardia, mas em Macunaíma, cuja legitimidade do "humano" (muito mais do que mítico) permitiu o riso e o choro, escrito por um Autor que, na sua história, "chorou e não procurou esconder", e mesmo na sua maioridade intelectual e ao decretar a maioridade do herói, não perdeu a dimensão da autenticidade da "chamar por mamãe, me esconder no seio dela". Mário de Andrade, muito antes de possibilidades outras da manifestação do desejo, inscreveu na nossa história cultural, "que um ho-

mem também chora, também deseja colo"...

Divagações sentimentais, mas pertinentes. Esses aspectos, pouco explorados, deixam evidente o que ainda se tem a dizer sobre MACUNAÍMA. Ou melhor: o que Macunaíma, um dia sem nenhum caráter, ainda tem a dizer. O livro, para angústia de Mário de Andrade, ficou no ostracismo por muitos anos. Depois, descoberto. Redescoberto. Hoje pode ser considerado o mais vivo e duradouro manifesto do movimento modernista, porque a cada leitura, novas aventuras. Um manifesto que desencaminhou a linguagem de sua vocação institucional e perverteu a postura literária dos personagens, através da trajetória do herói brasileiro, ou "paciência, manos: americano".

As lágrimas, ainda que ensaiadas e programadas, e o riso espontâneo parecem ser a maior herança que nos legaram Macunaíma e MACUNAÍMA. As lágrimas foram a transformação do sólido em líquido, do reto em círculo, estratificados nos movimentos literários anteriores, nesse livro entusiasmado, afetivo e sedutor, como "um brasileiro" ou "o chorinho bem brasileiro". A nossa poética musical vem ainda recebendo os "baguais marinhos da fonte chorando água" (M,XIII), pelo prazer de chorar e pelo estamos aí...

Afinal, somos o país de tanto riso, tanta alegria, mais de mil palhaços no salão. E as lágrimas cantadas nas toadinhas de Macunaíma: "Quando eu morrer não me chores", repetem-se em Noel Rosa: "Quando eu morrer não quero choro nem vela" e passam pelo Rancho Fundo "onde o moreno canta as mãgoas, com os olhos rasos d'água"...

E continuam a fazer História: tristeza, por favor vá embora/não chore ainda não que eu tenho um violão/e te encontraram chorando e bebendo na mesa de um bar/eu chorei na avenida eu chorei/chorei não procurei esconder todos viram/ah! quantas lágrimas eu tenho derramado/o enorme prazer de me ver chorar/choro por tudo se assim for preciso/se um dia eu tiver que chorar ninguém chora por mim...

E se existe a procura da nacionalidade arlequinada como um todo, na busca de uma congregação de valores, Macunaíma en-

quantó homem brasileiro, usa uma máscara branca com uma lágrima eterna, inscrita e escrita, como possibilidade de leitura. Paciência: Macunaíma é pierrô, embora expressão psicológica de sentimentos, mostrados de maneira arlequinial, por uma das trezentas e cinquenta máscaras de Mário.

O "tem mais não" do epílogo, assusta-nos. Parece que tudo o que dissemos arrisca-se a surgir como insensatamente descolado. O que não se deseja é que a insensatez desloque-nos de tudo o que Mário de Andrade colocou em MACUNAÍMA, "até sem querer".

Tem mais sim. Na poesia, na música, que sempre canta se não mais "chorinho", uma música ao sabor "morte e vida macunaíma", ao gosto de Mário de Andrade onde a manha e a malícia misturam-se, sem limite, com o sentimento doído de uma eterna solidão. Mesmo no rock, embotado e embotado por uma cultura outra, sempre se ouvirá Mário - Macunaíma - de Andrade:

"Estou perdido sem pai nem mãe me leve para sua casa".

